



Penélope mantinha-se fiel. Ulisses, seu esposo, desaparecera fazia mais de dez anos. Partira com seus homens para a guerra com Troia e, desde então, nunca mais dele se soube. Andava triunfante por terras distantes a inventar ardilosos cavalos de madeira que o infiltrassem dentro de muralhas alheias. Penélope mantinha-se fiel. Não importava se estava Ulisses morto ou desaparecido, a combater na guerra ou a procurar os escritores do amanhã. Sabia que casara com destemido guerreiro, respeitado pelos homens e agraciado pelos deuses, escolhido na terra e nos céus para completar as mais difíceis missões. Num dia combatia, no outro carregaria os livros do conhecimento. Podiam vir príncipes e reis, mercadores e magnatas. Penélope mantinha-se fiel e assim continuaria.

Exemplar n^o :

SAMUEL PIMENTA



GEOMETRIA

Título: Geometria
Autor: Samuel Pimenta
Revisão: João Batista * Livros de Ontem
Capa: João Saramago
Paginação: Nádía Amante * Livros de Ontem

©2013, Livros de Ontem
Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

1ª edição: Abril 2014
Tiragem: 100 exemplares
Depósito Legal:
ISBN:

Livros de Ontem
Rua João Ortigão Ramos, 34, 6ºF
1500 - 364 Lisboa • Portugal

www.livrosdeontem.pt

SAMUEL PIMENTA



GEOMETRIA

Agradecimentos

Encaro a gratidão como uma forma de viver. Ser grato. Ser grato a cada partícula de ar que me entra no peito. A cada pedaço de terra que piso. A cada olhar humano e não humano que encontro. Acredito que a gratidão demonstra todo o amor que nutro por quem me faz bem, por quem me é querido e me faz evoluir. Agradecer é uma forma de amar. De viver. Ser grato a tudo. Ser grato à vida. Por isso, agradeço a cada oportunidade que o Universo me dá para agradecer. Não gosto de perder as oportunidades que o Universo me dá.

Para que um livro venha à luz, muitas são as inspirações, as influências. Quero agradecer, primeiro, às poetas que me influenciaram directamente na escrita deste livro. Sophia de Mello Breyner Andresen, Fiamma Hasse Pais Brandão, Sylvia Plath, Ana Paula Tavares, Luísa Demétrio Raposo. As vossas palavras iluminaram o ritual alquímico da minha criação poética. O artista plástico João Saramago, querido amigo, também foi quem mais me influenciou. As obras da série *Microforms* escavaram-me os sentidos e fizeram brotar em mim o ímpeto de gravar no papel o universo de formas que me habita o ser. Não me esquecerei que foste tu, João, quem me ajudou a desbloquear as palavras que originaram o poema *A roda*, o primeiro poema escrito para o *Geo Metria*. Também me deste a conhecer a música divina de Ólafur Arnalds. Este livro foi escrito em diálogo com essas sonoridades etéricas, preciosas de tão divinas. Grato a ti também, Ólafur, por criares assim. À Graça, à Ana,

ao Joaquim, à Teté, à Sofia, à Maria, à Sónia, ao Tiago, à Fernanda, à Alzira, à Letinha, à Fernanda Estrela, à Teresa, à Mira, à Madalena, ao Manuel, à Céu, à Natália, ao Sérgio, à Bruna, à Isaurinha, agradeço o contributo directo que me deram na criação deste livro, despertando em mim os códigos da geometria sagrada ancestral que me define o ser. Grato, profundamente grato pelo vosso amor na nossa amizade, nos nossos encontros meditativos e nas nossas demandas em busca da perfeição na unidade. Permitem-me ser mais e melhor. Mais perfeito.

Agradeço aos meus queridos amigos Amosse Mucavele, Delmar Maia Gonçalves, Leonora Correia Rosado, Luísa Demétrio Raposo, Manuela Gonzaga, Maria João Cantinho, Ricardo Correia Rosado e Romi Soares, pelos conselhos e apreciações, pelas críticas aos poemas deste livro, pelo apoio incondicional, pela amizade. À Ana Paula Tavares, agradeço o maravilhoso prefácio que introduz *Geo Metria*, um texto sublime como só aos grandes mestres é permitido. A Ana Paula desnuda o Eu de *Geo Metria*, expõe-no e, em simultâneo, sagra-o num altar, como numa oferenda. A minha gratidão a si, Ana Paula, a minha amizade. Por tudo.

Quero deixar umas últimas palavras de apreço aos meus leitores, amigos e familiares. A todas as pessoas que continuam a acreditar e a motivar-me. As vossas palavras, os vossos abraços e os vossos sorrisos são bálsamos. Sou-vos grato. E como costume dizer, o meu deus interior saúda o teu deus interior.

Sou grato à vida. Sou grato a cada átomo do Universo. Agradeço à força criadora que me impele a escrever, à magia que me inspira nesta busca da perfeição e da beleza. É uma busca sem fim, bem sei. Mas repleta de encanto, de alegria e de amor. Acima de tudo isso. Amor. Pois este livro é, também ele, um acto de amor. De gratidão.

Bem-haja.

Samuel Pimenta

Prefácio

Na linha curva do horizonte ergue-se a silhueta de um verso inscrito na rugosa parede de pedra como um relevo a que um gesto antigo juntou a forma propiciatória, arco e flecha, precisão e dor. A força do princípio foi convocada para nomear palavras no lugar de cada lasca saída do núcleo inicial. Diferentes graus de dureza afinaram a precisão do gesto: sílex e pensar as profundezas da terra, os níveis do fogo onde se tratam estas matérias do verso para surgirem ainda a sangrar da violência do toque. No princípio era o fogo, as diferentes formas de o dizer e uma só maneira de o manter aceso: de manhã regressa-se ao fogo inicial, o que se mantém aceso para garantir a coesão do texto entre sagrado e profano, entre chamas altas e as pequenas brasas que conservam a luz.

Os caçadores de versos abandonam a aldeia e procuram a pedra do princípio, no meio do caminho. “No meio do caminho tinha uma pedra” e a selva obscura que a guarda segredo e chave do pensamento de todos: que mão aflita pode tocar a pedra e nela deixar para sempre os sons e os sentidos de um verso, um simples verso que nos faça atentos do mundo e da linguagem, que nos mereça a certeza de ver a árvore e encontrar a pedra no meio do caminho?

O acto de criar é uma solidão aflita que obriga a ferramentas, sílex sobre o sílex a mão fechada e os olhos orientados para a luz.

Na linha curva do horizonte ergue-se a silhueta de um verso e para lá a nossa consciência de seres ávidos do poema. Num cristal podia desenhar-se um rosto inesquecível, dizia Klee, e no entanto seria sempre o cristal sua reverberação lunar a criar sobre o rosto um milhão de rostos para esquecer. Uma lenta curva, a geometria de um corpo a ler na terra os sinais dos frutos e das folhas. Uma pequena sombra a desenhar a consciência certa de uma forma numa fracção de segundo, num tempo maior que o eterno: uma forma perfeita e redonda como todos os barros, como todos os princípios. Um só círculo e a idade do sol estabelecida para sempre e orientada a sul como todos os rios e todas as veias, as do sílex e as das mãos que o trabalham. No meio do poderoso granito uma pedra salta, quartzo feldspato e mica e a vida surge feita de pequenos gestos seguros que afinam uma pedra romba e escolhem a perfeita palavra para afinar o verso.

É tua a pedra, a mão que a trabalha nua cheia de gestos aprendidos do passado e da memória da escrita hieroglífica, cuneiforme ou ainda simples símbolo solar a decifrar o lado aceso do verso.

Ali me recolho, as mão a segurar o rosto para olhar o tempo novo e o exacto dia que se cumpre quando terra e lua se recolhem nas voltas sobre si mesmas e à volta uma da outra. Descubro o sistema solar no eco das palavras que são bilhas ou ainda o mais antigo barro que a continha antes de ser forma, antes de ser objecto para dar forma à água e ao vinho

Só os versos nos medem na doce escansão de cada sílaba, na música de sons que juntam e afastam e nas acentuadas tónicas seus centros, seus eixos, suas estratégias e significados. Um verso pode ser um encantado sílex que lascas de outras pedras já feriram para lhe polir a forma

Minha a surpresa de descobrir tão apurados versos, tanta ciência de ler e usar a coisa antiga. Ainda bem que o Samuel me deu a ler *Geo Metria* e para todos aqui deixo a espessura de um verso, a arte de bem escrever nesta oficina completa: *“Aos olhos de quem nos mede/ a terra não tem medida”*.

Obrigada Samuel.

Ana Paula Tavares

Lisboa, Agosto de 2013



*Para a mãe Maria Teresa e o pai Luís,
artífices da matéria e do espírito.*

Lithos



Sílex

Mão e pedra.

Força do
gesto que
bate bate e
rompe a
forma.

O gume rudimentar da
lasca que parte e
sangra, do
sílex que
quebra e
nasce, novo,
para cortar
o rude
golpe.